

# Uma orquestra pouco afinada

**O maestro Julio Medaglia está cansado da burocracia que emperra o seu projeto**

**B**rasília pode perder novamente o regente da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Desde que assumiu a batuta, o maestro Julio Medaglia, conhecido internacionalmente, vem encontrando uma dificuldade atrás de outra para realizar o seu trabalho. Tudo por conta dos entraves burocráticos da estrutura de funcionamento da Fundação Cultural. O desgaste do regente tem sido tão grande que já está anunciando abertamente sua intenção de abandonar a OSTNCS: "Eu prefiro, sinceramente, puxar o carro", desabafa Medaglia.

Na verdade, quando assumiu o cargo de regente titular da Orquestra do Teatro, no final do ano passado, Julio Medaglia fez uma série de reivindicações que considerava o mínimo para realizar um bom trabalho por aqui, mas muitos de seus pedidos ainda não puderam ser atendidos. "O problema é que, no momento, eu não tenho condições de trabalho, não tenho uma infraestrutura, aquele mínimo que eu precisava — um assistente, um *manager* (para resolver os problemas internos da orquestra) e um inspetor que cuidasse dos problemas práticos da orquestra, como ver se os músicos estão chegando no horário, se as luzes estão acesas ou não, se as partituras estão legíveis, se o lugar onde a gente vai tocar é adequado ou não — essas três pessoas que eu preciso, ainda não há condições de trazer", explica Medaglia.

O fato que é as funções que esses três assistentes do regente desempenhariam estão sendo feitas pelo próprio Medaglia, ou por pessoas da administração da orquestra, mas não do modo como o regente imaginou. Medaglia chegou a elaborar um projeto para modificar esta estrutura de funcionamento da orquestra. "Nesse sentido, ou a coisa se define brevemente, saindo o projeto, ou então, se eu continuar aqui vou me desgastar cada vez mais, com discussões com músicos, com as pessoas da Fundação e, com o passar do tempo, as pessoas se acostumam comigo aqui, eu perco minha autoridade e etc. Então, para não perder essa orquestra que eu amo muito, porque esses músicos me tratam de maneira tão maravilhosa que eu não quero perder essa relação saudável com eles, eu vou precisar me afastar", confessa o regente.

**Projeto** — A idéia de modificar a estrutura de funcionamento da orquestra não foi somente do maestro Julio Medaglia. Ela teve apoio do governador Joaquim Roriz e do secretário de Cultura, Fernando Lemos. "Nós tivemos uma reunião muito boa com o governador. Ele recebeu a mim,

ao secretário de Cultura, sr. Fernando Lemos, a dona Luiza Dornas e a comissão da orquestra. A gente trocou uma série de idéias e ele falou sobre o que essa orquestra poderia representar em termos de um projeto bem mais ambicioso culturalmente. Seu discurso se fechou, bastante coerentemente, no sentido de que agora seria o momento para iniciar um grande projeto sinfônico, aproveitando esse momento sensível da música sinfônica nacional, em que várias orquestras do País estão fechando", diz Julio Medaglia.

Nessa conversa, o governador pediu que se fizesse um projeto para ser assinado logo, para transformar a cultura nacional. "O governador disse: eu quero um projeto até o final do mês de maio e faço questão de assiná-lo diante da imprensa, tendo atrás de mim a Sinfônica tocando, o que vai ser feito com muita emoção. Eu fiquei entusiasmado, cancelei duas óperas que eu tinha programadas na Europa, sentei numa máquina e fiz o projeto sinfônico que proporcionasse condições administrativas como das melhores orquestras do mundo. Mas aí o tempo foi passando, a dona Luiza Dornas me disse que a coisa corre mais lenta, o secretário montou uma comissão para resolver os problemas, discutir o projeto e desde então ele não evoluiu mais nada", confessa o regente.

Mas o projeto de Julio Medaglia é amplo e pode ser até considerado pretensioso. Ele mesmo explica que "no projeto, estão previstos a criação de corpos estáveis — de baile e de ópera — e também uma pequena orquestra que tocaria em concertos populares o chamado jazz sinfônico, alguns músicos ficariam em uma pequena orquestra de ópera, outros fariam música experimental e por aí vai. A orquestra passaria a funcionar através de uma sociedade de amigos, de direito privado ou utilidade pública, recebendo verbas do governo e de origem privada".

O regente Julio Medaglia, que já realizou vários concertos fora do País, lembra que essa reestruturação aconteceu nos maiores teatros do mundo. "Foi exatamente o que aconteceu, por exemplo, no Scala de Milão, quando o Abadito assumiu aquela orquestra, então inadmissível. Ele fez isso: transformou a orquestra numa sociedade de amigos e, através de recursos particulares e do Estado, ele modernizou toda a estrutura, o que aconteceu também com a Filarmônica de Viena, depois da guerra. Mas até o momento, aqui, não aconteceu absolutamente nada. Agora, se esse não é o momento ainda ou se as coisas não estão acontecendo e o porquê, eu não sei, porque nem contato com o secretário eu não tive mais".

De fato, já existe a Associação dos Amigos da Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, mas ela ainda não corresponde às expectativas do maestro Julio Medaglia. "Por enquanto, a Associação dos Amigos da Orquestra está preocupada em tentar fazer contatos com empresas e etc;



sença massiva do público, já que eram concertos gratuitos. Nada de concertos só com música clássica e românticas, facilmente digeríveis e aceitáveis por qualquer público.

Essa proposta transformadora não agradou às cabeças mais conservadoras da orquestra. Alguns músicos mostraram ostensivamente seu descontentamento com a presença do regente, como o sr. César Vieira, violonista e representante da OSTNCS, que com uma postura exibicionista e displicente, vem fazendo caretas e trejeitos em todos os concertos, numa atitude agressiva até para os mais desatentos.

Exemplos desta falta de respeito foram vistos, por exemplo, no concerto *Brasília Compõe*, em que o músico colocou óculos escuros para tocar determinada música, ou no concerto lírico *Brasília Canta*, onde entrou errado em um momento por estar olhando para o público e não para o regente, e por aí vai. Mas essa resistência interna de alguns é um problema facilmente solucionável com reforço de autoridade para o regente titular.

**Solução** — Distúrbios à parte, o fato é que, se depender do secretário de Cultura, Fernando Lemos, o maestro Julio Medaglia terá, em breve, todas as condições para permanecer como regente titular da OSTNCS. "O projeto que o Medaglia nos apresentou era um esboço, um projeto mais a longo prazo. O que a comissão está elaborando, por iniciativa nossa, é um projeto a curto prazo, para criar a infra-estrutura capaz de possibilitar a realização deste projeto maior".

Fernando Lemos lembrou que muitas idéias do projeto de Medaglia já estarão sendo efetivadas com este pequeno projeto. "Neste nosso projeto estão colocadas as questões salariais dos músicos, a transformação da Associação dos Amigos da Orquestra, a contratação dos assistentes do regente e a criação de núcleos, como a Escola de Novos Talentos, a reativação da orquestra jovem, uma orquestra popular, entidades essas que contariam com a coordenação do maestro da orquestra do teatro e seus assistentes. O projeto também prevê uma maior integração entre a comunidade e a orquestra, com mais apresentações da orquestra ao ar livre, já que o governador se mostrou entusiasmado com a idéia de motivar a cultura em um momento em que a maioria das orquestras do País está em crise".

Fernando Lemos espera que o descontentamento de Medaglia com a situação atual termine no momento em que o projeto for assinado pelo governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz. "Nós esperamos que o projeto deva ser entregue para o governador assinar até, no máximo, início de julho". Agora, é esperar para ver no que vai dar essa novela musical.

■ Liana Carvalho

possivelmente para depois engrossar as contribuições, mas eu acho que a Associação tem que ter uma outra função, ela tem que assumir a produção artística, tendo uma estrutura maior, com mais pessoas e assumindo a administração da orquestra, na parte artística. A infra-estrutura, a Fundação fornece, e a operação artística ficaria por conta da Associação".

**Crise** — Quando o maestro Silvio Barbato deixou o cargo de regente titular da orquestra, muito tempo se passou antes que fosse escolhido um substituto para o cargo. Na verdade, era do desejo de alguns músicos da orquestra continuar trabalhando somente com regentes convidados. Quando a situação da orquestra começou a ficar difícil, houve a eleição entre os músicos que escolheu Medaglia como regente titular. Aparentemente, a crise foi solucionada: a Fundação resolveu parcialmente a questão salarial dos músicos e fez uma série de promessas que possibilitariam o funcionamento pleno da OSTNCS.

O ano de 1993 abriu em grande estilo para a orquestra do teatro, que mostrava uma garra há muito ausente dos concertos. Julio Medaglia chegou como um revolucionário, marcando concertos sempre com algum tema — Dia da Mulher, Compositores que Vivem em Brasília, Cantores daqui, Dia do Meio Ambiente etc. — e com pre-

desta representatividade. Ele não é um aventureiro, é um homem sério, profissional de qualidade, um cara que estudou, que viveu anos no exterior. Se não lhe dão condições, ele vai embora mesmo.

Brasília é a capital do País e, como tal, tem que ter uma orquestra digna. Uma boa orquestra qualifica Brasília. Você não vê um dirigente da FOCDF assistindo a um concerto da orquestra, mas a casa está sempre cheia, com pessoas assistindo e gostando. É que essas pessoas têm gosto pela música, não tem cargo. É engraçado notar que todas as grandes orquestras do mundo tem sua foto oficial: a de Berlim, de Londres, de qualquer lugar. A OSTNCS não tem a sua.

(Clovis Senna, escritor e jornalista)

Brasília precisa de uma pessoa assim, de nome, que imponha respeito. O Medaglia trouxe essa ideia de uma filosofia para cada concerto. Eu vi na tevê uma matéria mostrando a OSTNCS tocando para os

presos, na Papuda, e achei emocionante. Acho que a orquestra tem que ter também essa função social, além de fazer concertos de altíssima qualidade, como aquele com a sinfonia de Brahms.

Perder o Medaglia seria uma grande burrice. Se ele acha que, para funcionar, tem que ser assim, tem que dar condições. Colocar ordem na casa é uma coisa fundamental, é essencial. Sem querer fazer crítica, parece que as coisas não andam na velocidade que deveriam. Eu era amigo do Santoro e vi o desgaste que ele tinha fazendo o trabalho de inspetor. Não dá para ser maestro e administrar cem pessoas ao mesmo tempo. Aqui é a capital do País e sua orquestra precisa de uma pessoa com o nome, o talento e a experiência do Medaglia. Se ele sai, depois, no futuro, é aquele negócio: "Éramos felizes e não sabíamos".

(Ney Salgado, Chefe do Departamento de Música da UnB)

## ■ Perdas e Ganhos

"Sem saber exatamente quem era o Julio Medaglia, eu acompanho o trabalho dele desde 1968, ouvindo as músicas da Tropicália. O que eu acho genial nele é essa proposta de inovação, de sempre estar intigando, provocando. No começo, quando as grandes cabeças intelectuais vieram pra cá, Brasília despontou como um pólo importante dentro da arte moderna e, depois da ditadura militar, a cidade parou, perdeu, não houve mais essa coisa instigante, criativa. Eu acho que o Medaglia veio para trazer isso de volta, para provocar esse espírito nas pessoas e isso ele sabe fazer muito bem.

Se o Medaglia sai daqui, Brasília volta a ser aquela cidade administrativa, corrupta, porque é essa imagem que a cidade tem por aí agora. Eu acho que quem mexe com cultura na cidade está parado e ele está fazendo, essa é a verdade. Eu acho que oposição vai acontecer sempre para quem provoca, para quem instiga. Sempre vai ter gente que vai

segurar pra trás, que vai dizer que não é isso, que vai querer continuar só cumprindo horário.

Por exemplo, naquele concerto do Dégio Pignatari, foi a primeira vez que eu vi o público se manifestando, vaiando e aplaudindo com vontade, porque mexeu com as pessoas. Eu acho que se o Medaglia for embora, Brasília vai passar por mais 20 anos de ditadura militar na cultura, comandada por essas pessoas que fazem esta coisa mediocre que a gente está cansado de ver.

(Lincoln Andrade, regente do Madrigal de Brasília e diretor artístico do Invoquei o Vocal)

Eu acompanho o trabalho da OSTNCS desde sua fundação, desde o tempo do Santoro. Se eu disser que o Medaglia é importante e necessário para a orquestra e para a cidade, estou dizendo o óbvio. Foi sorte para Brasília conseguir um maestro